

## A MENTALIDADE MILITARISTA ROMANA E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A RITUALÍSTICA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

### THE ROMAN MILITARISTIC MENTALITY AND ITS INFLUENCE ON THE RITUALISTIC OF THE EARLY CHRISTIANS

DANIEL SOARES VEIGA<sup>1</sup>

#### RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar o impacto e a influência que o fascínio pelo militarismo, latente na sociedade imperial romana, exerceu sobre a ritualística dos primeiros cristãos urbanos e de como estes reinterpretaram e ressignificaram este fetiche pelo universo militar, transformando-o em um veículo eficaz para propagação da sua mensagem religiosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristianismo; Militarismo; Magia; Exorcismo; Império romano.

#### ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the impact and influence that the fascination with militarism, latent in the roman imperial society, had on the ritualistic of the first urban christians and how they have reinterpreted and reassigned meaning this fetish for the military universe, changed it into an effective medium for spreading your religious message.

**KEYWORDS:** Christianity; Militarism; Magic; Exorcism; Roman empire.

Iniciamos esta pesquisa frisando que é impossível abordar o tema do Império Romano sem nos remetermos à sua enorme força militar e suas famosas legiões. Afinal, não haveria Império Romano sem conquistas territoriais e estas, por sua vez, só foram possíveis graças à formidável máquina de guerra montada pelos romanos, sobretudo a partir do século III a.C., com a vitória de Roma sobre Cartago na Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), quando o poder das forças militares romanas começou a se tornar

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ). E-mail: danisoavei@yahoo.com.br

avassalador. Rafael de Abreu e Souza ressalta que a civilização romana ganhou destaque ao longo das eras pela sua característica militar. O poder do exército romano se consolidou em meados do século I a.C. quando ele se profissionalizou, deixando de ser uma milícia cidadina recrutada anualmente para uma certa campanha, sendo dissolvida logo a seguir, para tornar-se um exército permanente. (SOUZA, 2004, p.446).

Originalmente, havia uma simbiose entre ser cidadão romano e integrar o exército, haja vista que somente os cidadãos romanos (cidadãos com posses, diga-se) tinham a honra de serem convocados para compor suas fileiras. Apenas a partir de 111 a.C., o exército romano passou a congregiar elementos estrangeiros, primeiro das províncias itálicas (isto é, fora de Roma), e mais tarde, pessoas das mais diversas regiões do Mediterrâneo. De acordo com João Marcos A. Marques (2017), a expansão das áreas de recrutamento para fora de Roma em direção às fronteiras nos dois primeiros séculos da era cristã é comprovada pelo número de inscrições de lápides de soldados. Somente no século I d.C. foram descobertas quatorze inscrições lapidares apontando para a presença de tropas na Síria e no Egito. No século II d.C., este número quase dobra e nós encontramos vinte e sete inscrições em lápides de soldados nas mesmas regiões da Síria e do Egito. (MARQUES, 2017, p.26).

Tal mudança serviu como um veículo de articulação entre estrangeiros e o universo romano, seja acolhendo-os como forças auxiliares às legiões (infantaria ligeira – as coortes), seja absorvendo-os dentro da própria legião romana. É mister frisar que, apesar da sua abertura, somente cidadãos podiam ingressar nas legiões. A prestação do serviço militar deixou de ser um serviço rotativo de todos para se transformar no serviço permanente de alguns. O imperador Otávio Augusto chegou a reunir sob seu governo nada menos do que 28 legiões. Foi no seu reinado, no ano 5 d.C., que o tempo de prestação do serviço militar passou a ser de 25 anos. (SOUZA, 2004, pp.446-447).

Como uma unidade de infantaria pesada, cada legião era composta por soldados protegidos por uma couraça e um capacete de metal, um grande escudo retangular e côncavo (*scutum*), uma lança curta de arremesso (o *pilum*) e uma espada curta de duplo gume (o gládio) para o combate corpo-a-corpo. (SOUZA, 2004, p.447). Complementando a infantaria, havia a cavalaria, composta por cento e vinte homens.

A presença do exército na cidade de Roma se fazia sentir por meio da Guarda Pretoriana, a tropa de elite do exército romano, responsável pela segurança dos imperadores, e também por intermédio das chamadas Coortes Urbanas, uma fração do exército que desempenhava a função de polícia, responsável por manter a ordem nos centros urbanos e reprimir sublevações. Outro segmento do exército que se fazia atuante nas cidades era o dos Vigilantes (os *Vigiles*). Criado por Otávio Augusto no ano 6 d.C., tinha como missão cuidar da vigilância noturna, além de servirem como um grupo de bombeiros permanente, uma vez que naquela época os incêndios já eram bastante recorrentes. (MARQUES, 2017, pp.22-23).

A partir da instauração do principado, com Otaviano (século I a.C.), tornou-se comum entre os romanos a idealização da imagem do soldado romano como aquele que tem força e poder para vencer os inimigos. As vitórias das legiões romanas e as centenas de povos conquistados ou exterminados pela força das armas do exército romano eram fatos indiscutíveis e de conhecimento público. O soldado romano era considerado pelo senso comum como invencível; *Invictus* em latim.

Figura controversa, o soldado romano, ao mesmo tempo em que era temido por sua ferocidade desenfreada, também era, de certo modo, admirado por uma parcela considerável da população, dentro e fora de Roma. E o motivo desta admiração se explica pelo modelo de vida regrada, disciplinada e frugal que muitos cidadãos enxergavam nos soldados. Conforme Rafael de Abreu e Souza (2004) ressaltou, a *disciplina militaris* demandava obediência e requeria uma austeridade masculina que tornava o soldado (teoricamente) avesso à luxúria e a todos os tipos de vícios. No imaginário popular, o bom soldado era aquele que permanecia celibatário pelo maior tempo possível<sup>2</sup> (SOUZA, 2004, p.453).

Neste ponto, podemos vislumbrar um denominador comum com a ética e as exortações morais apregoadas por Paulo em suas epístolas, onde ele recomenda veementemente que os cristãos se afastem de todas as pessoas que pratiquem quaisquer tipos de vícios ou má conduta. Em Rm 1:28-32 e 1 Cor 5:9-13, Paulo admoesta a todos os cristãos que evitem se aproximar de todo indivíduo que tenha uma conduta

---

<sup>2</sup> - Evidentemente, trata-se de uma idealização, pois sabemos que soldados frequentavam comumente prostíbulos, muitos localizados inclusive bem próximos dos acampamentos militares.

repreensível: beberrões, ladrões, impudicos, mentirosos, assassinos, que praticam incesto, etc. Em 1 Cor 7:32-34, Paulo aconselha os cristãos solteiros a permanecerem celibatários, a fim de que possam se dedicar com mais afinco às suas tarefas missionárias; o mesmo comportamento que se esperava de um soldado romano, sempre pronto para a batalha sem precisar se preocupar com esposa ou demais afazeres domésticos.

Podemos dizer que a fetichização dos romanos pela figura dos soldados foi se galvanizando com a prática das marchas triunfais, celebradas pelos generais que regressavam vitoriosos do campo de batalha após subjugarem os inimigos. Segundo Bruno Miranda Zétola (2006), a celebração dos triunfos foi uma constante na sociedade romana até se tornar um traço cultural desta sociedade na medida em que remetiam à noção de *virtude*, presente no *mos maiorum*; sendo este o conjunto de costumes e tradições que pautavam o ideal de vida do povo romano. O historiador Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.) escreveu que a história do povo romano era fundamentalmente uma história de vitórias e conquistas militares; tradição que, consoante Tito Lívio, teria se originado com Rômulo, quando este derrotou os ceninses. Logo, não é um equívoco conjecturarmos que na sociedade romana vigorasse uma mentalidade militarista.

Depois, quando o exército vencedor regressou, Rômulo, não só esplendoroso pelas suas ações, mas não menos desejoso de ostentar estes feitos, sobe ao Capitólio levando os despojos do chefe inimigo morto, suspensos num férculo feito expressamente para este fim (...) “Júpiter Ferétrio”, disse, “eu, Rômulo, rei vencedor, trago estas armas de um rei, e consagro-te este recinto sagrado, neste espaço que há pouco mentalmente delimitei, para sede de opulentos despojos que, mortos reis e chefes inimigos, os vindouros, seguindo meu exemplo, te trarão”. (Tito Lívio. *História de Roma desde a sua fundação*. I.10.5-7. Apud. ZÉTOLA, 2006, p.37).

Quanto mais monumental fosse o triunfo, quanto mais pomposo e impactante fosse o desfile, mais se engrandecia o poder do general ou do imperador, aumentando o seu prestígio na sociedade. Um dos desfiles triunfais mais memoráveis foi aquele em honra do general romano Paulo Emílio, que celebrava sua vitória sobre o rei Perseu, da Macedônia, em 168 a.C. Ele durou três dias. (ZÉTOLA, 2006, p.40).

Uma das premissas requisitadas para que o comandante militar vencedor fizesse jus ao triunfo era que ele tivesse provocado um incontável número de mortes entre os combatentes do povo conquistado. O cerimonial da procissão triunfal cumpria,

sobretudo, uma função narrativa cuja lógica discursiva visava a enaltecer as vitórias militares obtidas por indivíduos importantes. Neste sentido, compreendido como um discurso diluído na cerimônia, o desfile triunfal romano apresentava sempre um certo padrão, trazendo consigo a forma de uma narrativa “cívico-ostentatória” (ou seja, uma narrativa que enfatizasse o orgulho de ser cidadão romano), pelo qual ele pudesse ser entendido como um evento glorioso.

De acordo com o Bruno M. Zétola, a marcha triunfal era, acima de tudo, um discurso mobilizador fundamentado em recursos imagéticos inteligíveis ao seu público-alvo. Como um meio de comunicação, sua linguagem era clara e acessível aos seus destinatários. (ZÉTOLA, 2006, p.36).

Por exemplo, uma das práticas comuns nos triunfos era a exibição ao público dos chefes vencidos, que ficavam expostos a todo tipo de humilhação que a plebe romana lhes desejasse infligir. Logo atrás, vinha o general vencedor, transportado numa biga.

Para complementar a magnificência do triunfo, estátuas, monumentos e cronistas oficiais perpetuavam a vitória do comandante militar. Por fim, e coroando o espetáculo, os soldados de infantaria encerravam o desfile, entoando hino aos deuses ou insultando os inimigos derrotados. A partir do baixo império, se iniciou o costume da *calcatio colli*, um ritual em que o triunfador literalmente pisoteava sobre os vencidos. (ZÉTOLA, 2006, p.41).

No período da transição da república para o principado, a figura do imperador passou a encarnar o ideário do general vitorioso. O soldado, ao ingressar no exército devia prestar o juramento de lealdade (*sacramentum*) ao imperador, um rito que conferia ao imperador o poder de vida e de morte sobre os soldados, assim como o direito de ordenar a aplicação de castigos corporais. João Marcos A. Marques (2017) frisa que este juramento era feito perante os deuses, portanto, além de ser um ato militar, ele era também uma cerimônia religiosa e devia ser recitado anualmente, reafirmando os deveres e o comprometimento que cada soldado deveria ter para com o imperador e para com Roma. (MARQUES, 2017, p. 27).

Como a partir de Otávio Augusto, o imperador passou a ser também o primeiro dentre os generais, cabia ao soldado seguir suas ordens, o que acabava por forjar um forte vínculo entre eles; um laço que unia imperador e soldado e estabelecia as

obrigações e privilégios deste; privilégios que eram a recompensa por seus sacrifícios pessoais. (SOUZA, 2004, p.451). O imperador desejava assim demonstrar às várias facções do exército que ele era comandante supremo; sobretudo da esfera militar. No decurso do tempo, quando um determinado imperador queria reforçar sua *auctoritas*, ele empreendia campanhas punitivas ou de conquistas que, ao término, deveriam resultar no triunfo perante seus concidadãos, onde ele era aclamado como guardião e protetor de Roma.

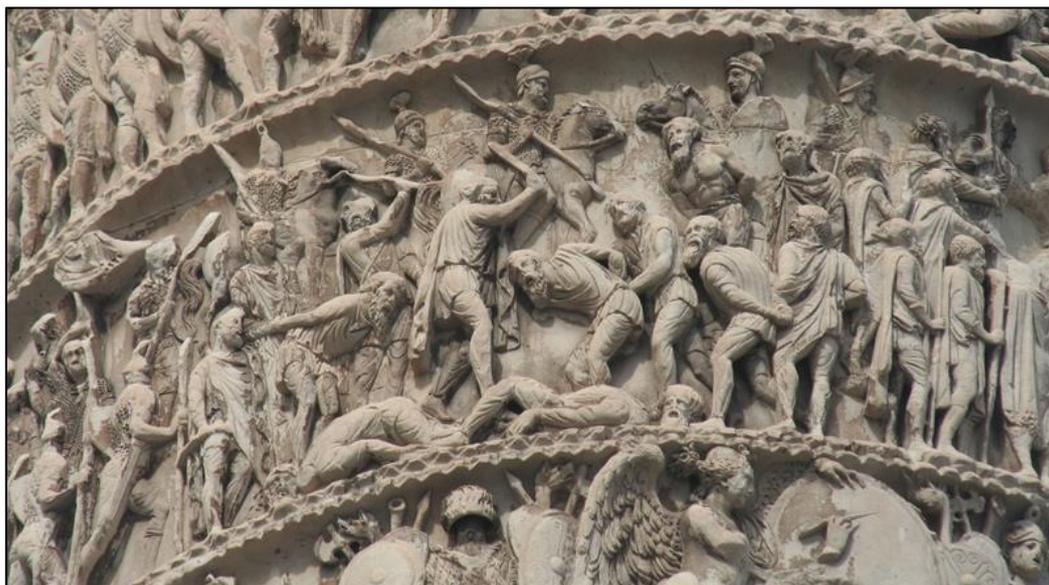
Aprofundando o tema do artigo, precisamos ter em mente que muitas pessoas dentro do Império Romano buscavam se proteger contra forças sobrenaturais malfazejas, ou até contra inimigos reais por meio da magia; sendo que era muito comum que, durante essas práticas mágicas, as pessoas evocassem a imagem do soldado como uma entidade protetora (afinal, ele é alguém forte e imbatível). A título de comparação, seria o correspondente a atual Oração de São Jorge (o santo guerreiro), tão conhecida entre os católicos. Não é à toa que a prece começa com os seguintes dizeres: “Andarei vestido e armado com as armas de São Jorge...”.

O pensamento epistemológico de Foucault nos é útil neste ponto ao demonstrar como o fetiche pelo poder, pelo desejo por uma autoridade ilimitada, perpassa as mais variadas camadas sociais, com o fetiche pelo poder e pela autoridade se ramificando desde o topo até a base da pirâmide social. Foucault nos adverte que não devemos tomar o poder como um fenômeno simplório de dominação de um indivíduo sobre outro, de um grupo sobre outros ou mesmo de uma classe sobre outras. É mister que se tenha consciência que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder; são sempre centros de transmissão! Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos; passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo

elementar, o átomo primitivo, matéria inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os.

Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Em outras palavras, o indivíduo não é **o outro** do poder; ele é sim um dos seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é o seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1981, pp.183-184).

Baseando-nos no modelo epistemológico de Foucault, chegaremos à conclusão que os primeiros cristãos, como súditos do império romano que assistiam às paradas militares e que sentiam na sua vivência cotidiana toda pressão exercida pela apologia ao poder bélico das legiões romanas, eram atingidos e impactados no seu psicológico pela idolatria e pelo fetiche às armas e a toda panóplia de cunho militarista; sendo cooptados pelo gesto sedutor de submeter e de aniquilar o adversário. Contudo, estes mesmos cristãos, na lógica de Foucault, não eram átomos inertes de recepção de ideais impostos à força num sentido vertical. Estes cristãos também eram centros de transmissão; o poder os impactava, mas não morria neles; pelo contrário, se renovava com eles e através deles que, atuando como correias de transmissão, retransmitia-o à sua maneira. Entretanto, para que ele fosse retransmitido, era necessário a existência de outros destinatários, de receptores a quem esses cristãos pudessem retransmitir o poder. Estando os primeiros cristãos precisamente na base da pirâmide social, eles o retransmitiam horizontalmente. Esses primeiros cristãos atuavam como correias de transmissão horizontal que, como potência centrífuga, reverberavam esta característica belicista do poder para pessoas que, estando elas também já cooptadas pelo fetichismo do militarismo transbordante, estariam predispostas a prestar atenção no que esses cristãos tinham a dizer, bem como nos seus gestos ritualísticos. Em vários afrescos e relevos, o imperador/general subjuga os vencidos representando-os prostrados em posições submissas. Uma cena em alto relevo da coluna de Marco Aurélio demonstra precisamente o momento em que legionários vitoriosos executam prisioneiros de guerra:



**Figura 1:** Legionários romanos executando os inimigos vencidos. Reparem como o inimigo prestes a ser morto é imobilizado e obrigado a se prostrar perante o soldado romano. Escultura em relevo da Coluna de Marco Aurélio. Roma. Data do início da construção: 176 a 180 d.C.

É curioso como tais cenas nos remetem às narrativas dos exorcismos de Jesus, como, por exemplo, o exorcismo do endemoninhado geraseno (Mc 5:6-7), onde é dito que o endemoninhado se prostra perante Jesus num gesto de súplica.

Ao ver Jesus, de longe, [o endemoninhado geraseno] correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: “Que queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!”. (Mc 5:6-7)

Esta cena é ricamente ilustrada no mosaico a seguir, encontrado numa basílica, em Ravena:



**Figura 2:** Mosaico retratando a cura do endemoninhado geraseno. Basílica de Santo Apolinário. Ravena. Séculos V/ VI. Esta ilustração reproduz um episódio bíblico da cura do endemoninhado geraseno (Mc 5:1-20, Mt 8:28-34 e Lc 8:26-39). Reparemos como na imagem o sujeito possuído se prostra aos pés de Jesus, ou melhor, é o demônio que, possuindo o corpo do obsidiado, se prostra e com isso faz o sujeito se ajoelhar diante de Jesus.

Existem outros escritos do Novo Testamento que ecoam esta mentalidade militarista, como, por exemplo, o trecho contido na Epístola aos Efésios, datada do final do século I, com todo seu vocabulário calcado no uso de artefatos bélicos:

Por isso, deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo combate. Portanto, ponde-vos de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça, e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé, com o qual poderei extinguir os dardos inflamados do Maligno. E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. (Epístola aos Efésios 6:13-17).

Lendo com atenção, notamos que neste simples relato neotestamentário são mencionados nada menos do que seis tipos diferentes de armamentos: armadura, couraça, escudo, dardos, capacete e espada. Estes eram precisamente os apetrechos que constituíam o arsenal do legionário romano. Pela mesma semiótica textual deve ser lida a passagem da Epístola aos Romanos, onde Paulo exorta seus companheiros a se revestirem da “armadura de luz”. (Rm 13:12).

No Livro do Apocalipse, que segundo John D. Crossan (1994) foi escrito no final do século I, provavelmente no reinado de Domiciano (81-96 d.C.), e dirigido às várias comunidades cristãs da Ásia Menor (CROSSAN, 1994, p.469), está expresso que os cristãos que trazem na sua face o “selo”, ficarão imunes da destruição promovida pelos cavaleiros, cujo objetivo final é a aniquilação da Besta, ou seja, Satanás. Estes cavaleiros são descritos como criaturas terríveis, capazes de infligir violência de uma forma assombrosa:

O número de cavaleiros do exército era de duzentos milhões: ouvi bem o seu número. Na minha visão, os cavalos e os cavaleiros tinham este aspecto: vestiam couraças de fogo, de jacinto e de enxofre; a cabeça do cavalo era como de leão e da sua boca saía fogo, fumaça e enxofre. Uma terça parte dos homens foi morta por estes três flagelos: o fogo, a fumaça e o enxofre que saíam da boca dos cavalos. O poder dos cavalos, com efeito, está em suas bocas e nas caudas; de fato, suas caudas parecem serpentes: têm cabeças com as quais causam dano. (Ap 9:16-19).

Por que a imagem do cavaleiro é tão enfatizada no livro do Apocalipse? O historiador André Chevitarese (2003) tem uma explicação bem interessante para responder esta pergunta. Segundo Chevitarese:

Cavalos, carros de combate e cavaleiros eram atributos de autoridade e de poder. Os grandes impérios antigos, fossem eles do Mediterrâneo, do Egeu ou do Oriente Médio detinham expressivo número de cavalos e nos seus exércitos a cavalaria gozava papel imprescindível na tática de guerra. (CHEVITARESE, 2003, p.82).

Tendo em mente este comentário feito por Chevitarese, prestemos atenção no amuleto ilustrado abaixo, descoberto no antigo Egito.



**Figura 3:** Cavaleiro segurando uma lança com sua mão direita enquanto subjuga uma figura feminina que está caída no chão. As patas dianteiras do cavalo estão erguidas, sugerindo que ele vai pisotear a mulher. Há uma estrela em frente à face do cavaleiro. Circundando o cavaleiro está a inscrição ΣΟΛΟΜΩΝ (Salomão). No reverso há a inscrição ΣΦΡΑΓΙΣ ΘΕΟΥ (Selo de Deus). Origem: Egito. Data: entre os séculos I a V d.C. Medalha de hematita. Inventário: Michigan, Museum of Archaeology, University of Michigan. Inventário: 26092

Há um detalhe também: em termos antropológicos, o selo aludido no capítulo sétimo do Apocalipse não é apenas uma proteção, um “salvo-conduto” que garante que a vida do cristão não será ceifada quando os cavaleiros passarem por ele. Ele é um sinal mágico que confere ao seu detentor a certeza de que ele e os cavaleiros estão “vibrando na mesma sintonia”. Mais do que vibrar na mesma sintonia; os cavaleiros que destroem a Besta não são meros agentes *ex-machina* que entram em cena à revelia dos cristãos. Pelo contrário; a entrada deles em cena cumpre a função de satisfazer o desejo dos cristãos, conforme pode ser lido em Ap 6:10: “Até quando, ó Senhor santo e verdadeiro, tardarás a fazer justiça, vingando nosso sangue contra os habitantes da terra?”.

Neste caso, é como se os cristãos estivessem, de forma sub-reptícia, demandando pela ação dos cavaleiros. Por esta lógica, os cristãos passariam a ser os responsáveis pela atuação dos cavaleiros e, como responsáveis, isto significa que eles

assumem o comando sobre esses cavaleiros armados. O sentimento de estar assumindo o comando de uma tropa de cavaleiros, isto é, de uma cavalaria, faria o crente se sentir na pele de um chefe militar.

## CONCLUSÃO

A questão da militarização foi um aspecto cultural que pautou o *modus vivendi* dos milhares de súditos sob o domínio da Roma imperial e seria impossível que ela não afetasse também a vida dos primeiros cristãos, produzindo efeitos na sua experiência religiosa. O apelo militarista vigente no Império Romano residia na capacidade de convencer seus súditos de que o exército romano era invencível e apto a submeter todos os seus adversários; pensamento que foi assimilado pelos cristãos, que o ressignificaram para o campo da magia e do sobrenatural, onde o inimigo a ser submetido e escravizado são os demônios e os exércitos que eles comandam.

## REFERÊNCIAS

### Documentação

BÍBLIA. Tradução em português. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. (1ª ed.). SP: Paulus, 2002.

### Bibliografia

CHEVITARESE, André L. **Amuletos, Salomão e Cultura Helenística**. In: CHEVITARESE, André L. & CORNELLI, Gabrielle. **Judaísmo, Cristianismo, Helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo**. Itu: Otoni Editora, 2003, pp. 78-89.

CROSSAN, John D. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. RJ: Graal (2ª. edição), 1981.

MARQUES, João Marcos A. **O exército romano e as representações do deus Mitra: possibilidades interpretativas**. Dissertação de Mestrado (115 págs.). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

SOUZA, Rafael de Abreu. **Miles et paganus: apontamentos acerca dos efeitos do exército romano sobre as populações locais.** In: [www.cerescaico.ufrn.br/ mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme).

ISSN:1518-3394, ano XI, vol. 5, 2004, pp. 445-466.

ZÉTOLA, Bruno M. **Triunfos militares e legitimação de poder na antiguidade romana.**

Revista Métis, Universidade Caxias do Sul. Vol. 5, n. 10, 2006, pp. 35-59.